

## PAULO LEMINSKI, POETA TRADUTOR

*Ivan Justen Santana*

### Traduções de traduções

No número anterior destes cadernos tivemos a oportunidade de escrever sobre Paulo Leminski e a tradução literária, apresentando um pouco do pensamento do poeta curitibano sobre esse controverso assunto. Ao final apresentamos sua tradução de uma ode de Horácio, a célebre *Ad Leuconoen*, famosa por conter o mote *carpe diem*.

Citamos então um texto<sup>1</sup> em que Leminski amplia o horizonte dos estudos da tradução para incluir em seu âmbito fenômenos como a paródia, a paráfrase, e até mesmo a influência de um autor sobre outro. Em primeiro lugar, o poeta aponta que a possibilidade de tradução está na própria raiz do signo. Um signo é qualquer coisa que possa ser entendida *através* de outros signos, ensina Leminski, citando o filósofo Peirce.

O texto do poeta nos conduz a ver toda a cultura como um processo de traduções. Num movimento dialético, textos traduzidos se transformam em originais.

É o caso daquela ode de Horácio, a de número 11 no Liber Primus. Inúmeras traduções dela foram feitas, atribuindo-se ao texto latino o status de original.

Entretanto, um professor de Harvard<sup>2</sup> e o menos acadêmico Ezra Pound, por vias menos retas, ambos indicam que o texto de Horácio é uma tradução (imitação livre ou paráfrase) de uma ode grega, cujo texto “original” se perdeu.

Por sua vez, traduções se transformam em originais, como no caso da tradução que Leminski produziu a partir do texto de Horácio, ou ainda desta outra, que não podemos deixar de reproduzir aqui:

It is not right, Leuconoë,  
To know what things the gods decree,  
What end for you, what end for me –  
Please put your astral charts away,  
And take our winters as they come,  
And let Jove reckon up the sum.  
This year, which sees the breakers drum  
On broken cliffs before us, may  
Be our last year. While we converse,  
Age hurries on; put off her curse!  
In life ´s clear dregless wine immerse  
Your heart throw spun-out hopes away,  
Don ´t trust Tomorrow; clutch TODAY.

(**WENDER**, Dorothea. *Roman poetry*. 1980)

Este é um texto que se declara explicitamente uma tradução. No entanto, a criatividade (criação) da tradutora (uma professora universitária de literatura latina) faz dele um poema em inglês com sabor de texto original: ela transformou o verso de metro longo e pausado de Horácio

(asclepiadeu maior, com 16 sílabas) num tetrâmetro iâmbico ágil, rimado, em tom de canção. E num golpe certo transportou o *carpe diem* para uma posição definitiva.

“Todos os textos são originais porque cada tradução é diferente. Cada tradução é, até certo ponto, uma invenção, e assim constitui um texto único.” Esta citação é de um ensaio de Otávio Paz<sup>3</sup>, mas poderia ser de novo Leminski, dialetizando.

O poeta curitibano praticou a tradução sob muitas formas, inclusive como meio de criação poética, em estilo de paródia, como podemos ver no seguinte haikai:

MALLARMÉ BASHÔ

um salto de sapo  
jamais abolirá  
o velho poço

(*La vie en close*, p.108)

Assim, não é por excesso de cautela que gostaríamos de evitar o adjetivo “literária” ao falarmos traduções feitas por ele. Na verdade, com o termo “traduções literárias” queremos definir um *corpus* de texto para nossa dissertação de mestrado.

Esse *corpus* corresponde àquelas traduções que foram publicadas em livro (todas pela editora Brasiliense, entre 1984 e 1986) sob o nome do autor do “texto original”, com Leminski aparecendo na publicação como tradutor, “apenas” (as aspas neste último caso são, claro, irônicas).

O fato de chamarmos esses 8 livros<sup>4</sup> de traduções literárias por nossa conveniência poderia irritar o poeta. Ele nunca gostava de

classificar sua poesia e mesmo sua prosa como “literatura”, enfatizando as inter-relações de seus textos com as artes plásticas, com a música popular, em suma, com todos os ramos do universo cultural não sacralizados sob o selo de “literatura”.

Dentre esses livros de traduções que Leminski publicou há pelo menos um que poderia resistir bravamente à classificação de “literário”. É o trabalho radicalmente poético e anárquico dos dois livros de John Lennon, *A spaniard in the works* e *In his own write*, reunidos sob o título de *Um atrapalho no trabalho*.

O que poderia nos atrapalhar mesmo são os desenhos com os quais Lennon ilustra suas malandragens em letras. Como as artes do beatle não foram redesenhados por Leminski, seu trabalho de tradução permaneceu (ainda bem!) no âmbito literário.

Para Leminski, a poesia é “a liberdade da minha linguagem”<sup>5</sup>. Este senso de liberdade e o princípio de prazer presentes em tudo que ele escreveu nos dão uma certeza: foi antes de tudo como poeta que Leminski se dedicou, entre outros usos da palavra, ao romance, ao jornalismo cultural, e também a esse tipo mais estrito de tradução que não conseguimos deixar de chamar literária.

Essa atividade tradutória poderia até ser relegada como sendo de segundo plano na sua produção, não fosse o volume e a diversidade de textos traduzidos. Praticamente metade dos livros publicados por Leminski, mesmo contando as edições póstumas, são traduções.

Além disso, das quatro biografias que lançou duas são baseadas na tradução de textos: a de Jesus Cristo, na qual há diversas traduções dos evangelhos; e a do poeta japonês Matsuo Bashô, que traz mais de trinta traduções de haicais deste, além de trechos dos seus diários e ainda outros poemas breves de autores orientais e ocidentais.

## A influência do *Noigandres*

Não há como negar que essa abundância de traduções na obra do nosso poeta curitibano teve como influência imediata o trabalho tradutório do grupo *Noigandres* (os irmãos Campos e Décio Pignatari). Numa recente reedição dos ensaios de crítica cultural de Leminski<sup>6</sup> aparece o texto *Information retrieval: a recuperação da informação*, que versa sobre o *Noigandres*. Vejamos trechos interessantes deste texto, na forma com que foi publicado:

CRIAÇÃO

CRÍTICA

TRADUÇÃO (RE-CRIAÇÃO/ RECUPERAÇÃO)

esses os 3 terrenos  
em que tem atuado  
a poesia concreta  
estes 20 anos para cá

uma façanha e tanto  
num país pobre  
(...)

CRIAÇÃO

é poesia  
linguagem primeira  
nova

inovadora  
inaugurante

CRÍTICA  
é meta-linguagem  
linguagem segunda  
interpretadora  
geradora de contextos  
de redundâncias  
de EXPLICAÇÕES  
(sobre-linguagens)

(...)

TRADUÇÃO  
também faz parte desta tarefa  
de gerar redundância  
aumentar o território de legibilidade  
ampliar o número de leitores  
tornar compreensíveis  
coisas até então incompreensíveis  
TRADUZIR  
é criar  
(as reflexões de Haroldo de Campos sobre  
a tradução  
são as mais profundas  
amplas  
e sólidas

que podemos desejar)  
criar  
uma co-realidade de um original  
que como disse haroldo de campos  
passa a ser a tradução de sua tradução

#### TRADUÇÃO

a forma mais espetacular  
de recuperação da informação  
signo de signo  
mensagem de mensagem  
linguagem  
de linguagem

(...)

#### TUDO JÁ FOI TRADUZIDO?

talvez a parte essencial  
de uma PAIDEUMA  
já esteja em português  
graças ao labor dos irmãos campos

não esquecer que a tradução  
do “understanding media”  
o livro mais importante de mcluhan  
foi feita por décio pignatari

com seu labor/valor/lavor

os campos já passaram  
para dentro do território cultural  
do brasileiro  
alguns dos textos mais valiosos  
do ponto de vista da invenção  
da literatura mundial  
de todos os séculos

ISSO É RECUPERAÇÃO (CRIATIVA) DA  
INFORMAÇÃO

depois vêm dizer  
que a vanguarda nega o passado  
a ninguém o passado deve mais  
do que a esses futuristas

*(Ensaio e anseios crípticos, pp.65-69)*

A citação é talvez demasiado longa, mas ilustra perfeitamente o que afirmamos acima sobre a postura de Leminski como escritor: antes de tudo, um poeta. E, claro, o texto transpira a admiração e o respeito que ele nutria pelo *Noigandres*.

Toda essa admiração e respeito, todavia, não fizeram com que o curitibano seguisse devotadamente os rigorosos critérios dos paulistas no que se refere a traduzir apenas textos “importantes do ponto de vista da invenção”.

Conforme estaremos discorrendo em nossa dissertação, houve ainda outra influência imediata sobre Leminski, na escolha os textos a serem traduzidos e no próprio modo de traduzir: a editora Brasiliense e as regras do jogo do mercado editorial brasileiro.



Por enquanto ficaremos por aqui, convidando todos os interessados na obra de Leminski e nas questões ora levantadas a participar do seguinte fórum na internet:

<http://inforum.insite.com.br/pauloleminski/>

### Bibliografia das Traduções Literárias de Paulo Leminski

**FANTE, John. *Pergunte ao pó*. São Paulo : Brasiliense, 1984.**

**FERLINGHETTI, Lawrence. *Vida sem fim*. São Paulo : Brasiliense, 1984.**

**LENNON, John. *Um atrapalho no trabalho*. São Paulo : Brasiliense, 1985.**

**JOYCE, James. *Giacomo Joyce*. São Paulo : Brasiliense, 1985.**

**JARRY, Alfred. *O supermacho*. São Paulo : Brasiliense, 1985.**

**MISHIMA, Yukio. *Sol e aço*. São Paulo : Brasiliense, 1985.**

**PETRÔNIO. *Satyricon*. São Paulo : Brasiliense, 1985.**

**BECKETT, Samuel. *Malone morre*. São Paulo : Brasiliense, 1986.**

<sup>1</sup> **LEMINSKI, Paulo. *Trans/paralelas*. In *Através 1*. São Paulo : Martins Fontes, 1983.**

<sup>2</sup> **HORACE. *The odes and epodes*. Edited by Clement Lawrence Smith. Boston : Gim & Co, 1903**

<sup>3</sup> **PAZ, Otávio. *Literatura e literalidade*. In *Convergências*. Rio de Janeiro : Rocco, 1991 (pp. 148-160).**

<sup>4</sup> Ver bibliografia.

<sup>5</sup> Ver o poema *Limites ao léu*, em **LEMINSKI, Paulo. *La vie en close*. São Paulo : Brasiliense, 1991. (p.10)**

<sup>6</sup> **LEMINSKI, Paulo. *Ensaio e anseios críticos*. Curitiba : Pólo Editorial do Paraná, 1997.**

Ivan Justen Santana é aluno de mestrado de Literatura Inglesa e Norte-Americana da FFLCH/USP